

DUAS PROFESSORAS MUITO MALUQUINHAS: A REPRESENTAÇÃO DA DOCÊNCIA EM ZIRALDO E LYGIA BOJUNGA*

Elisa Augusta Lopes COSTA[√]

RESUMO

A literatura alimenta-se da realidade para elaborar personagens e enredos, podendo também projetar modelos de comportamentos e ideias a partir da representação dos papéis sociais veiculados pelos personagens. Dentre esses papéis faz-se presente a figura da mulher professora, veiculando imagens e representações que circulam ou poderiam circular na sociedade, ajudando a compor o que poderia ser visto como um ideal de docente. Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a representação da docência em duas obras da literatura infantojuvenil, a saber: *Uma professora muito maluquinha* (1995), de Ziraldo Alves Pinto e *A casa da Madrinha* (1978), de Lygia Bojunga. O interesse é verificar as diferentes formas de representação elaboradas pelos autores, com base nos pressupostos da crítica feminista, a partir de pesquisadores como: Schwantes (2003), Zolin (1999) e Dalcastagnè (2005). A escolha das obras deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que as personagens analisadas lecionam para o primeiro segmento do ensino fundamental, o que torna possível estabelecer um paralelo entre suas formas de trabalho. Em segundo lugar, por tratar-se de construções de autoria masculina e feminina, o que permite observar se existem diferenças na representação docente feita a partir da visão de um homem e de uma mulher. Para alcançar o objetivo, primeiramente aborda-se a questão da literatura infantojuvenil como componente de formação da personalidade. Seguem-se aspectos biográficos dos autores, descrição das obras e das personagens a serem analisadas, conceituação sobre representação e, por fim, a análise da representação efetivada pelas personagens docentes das duas obras. A conclusão aponta para diferenças significativas na construção das duas personagens, demonstrando que as visões de mundo masculinas e femininas resultam em representações diferentes.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Crítica feminista. Representação docente.

* Artigo recebido em 16/03/2023 e aprovado em 13/04/2023.

[√] Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. Professora pesquisadora da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, Campus Altamira. E-mail: elisalopes@ufpa.br.

1 INTRODUÇÃO

A literatura não nos diz quem somos, mas, sim, como pensamos que somos, como desejamos ser, e no limite, como não somos.

Cíntia Schwantes

Como arte que é, a literatura tem a faculdade de levar o ser humano à compreensão de si mesmo e do outro, por meio da utilização da linguagem para traduzir a complexidade da vida subjetiva. Segundo Ferreira, os textos literários proporcionam ao ser humano a oportunidade de se reconhecer em uma experiência que “fusiona afeto, emoção, imaginação, memória, criatividade, lógica, razão e crítica” (FERREIRA, 2013, p. 10).

A literatura é um espaço privilegiado para o uso da palavra, pois não tem compromisso total com a realidade, mas dela se alimenta para a criação de situações e personagens, bem como pode projetar modelos de comportamento e ideias. Dentre os mais diversos papéis sociais encontrados nas narrativas literárias, faz-se presente a figura da mulher professora, veiculando imagens e representações que circulam ou poderiam circular na sociedade, ajudando a compor o que poderia ser visto como um ideal de docente.

Nesta perspectiva, pretende-se observar a representação da docência em duas obras da literatura infantil: *Uma professora maluquinha*, de Ziraldo Alves Pinto e *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga. A análise será feita com base nos pressupostos da crítica feminista que advoga a existência de diferenças entre a escrita masculina e a feminina. Para tanto, serão abordados os seguintes itens: a literatura infanto-juvenil como componente de formação da personalidade, aspectos biográficos dos autores, descrição das obras e das personagens a serem analisadas, conceituação sobre representação e, por fim, a análise da representação efetivada pelas personagens docentes das duas obras.

2 LITERATURA INFANTOJUVENIL: A FORMAÇÃO PELO SONHO

(...) Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

Antônio Candido

O contato com a literatura proporciona a possibilidade de sonhar acordado, voltando-se para a dimensão poética da existência, que leva à reflexão sobre todos os demais aspectos da vida. Por este motivo, a literatura deve ser considerada um bem indispensável e um direito do ser humano, pois, segundo Antonio Candido, a humanidade tem uma profunda necessidade de fantasia e ficção, de tal modo que “ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota” (CANDIDO, 2002, p. 81). Para o autor, esta necessidade universal está presente tanto no indivíduo como no grupo, ao lado de suas necessidades mais elementares, “no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto” (idem, p. 80).

Para este pesquisador, literatura diz respeito a todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. Em outras palavras, a literatura transmite, pela via estética, os sentimentos, sonhos, alegrias e angústias e humanas, conforme assevera Maria de Fátima Campos:

A literatura é um discurso cheio de vivências íntimas que promove, no leitor, o desejo de renovar ou prolongar as experiências que veicula, servindo de ligação entre o homem e o mundo, completando as fantasias, liberando emoções e ativando o intelecto no processo do conhecimento. (CAMPOS, 2008, p. 66).

Estes atributos se estendem à literatura infantojuvenil (cuja única diferença em relação à literatura em sentido lato é o adjetivo que indica um direcionamento para determinada faixa etária), conforme atestam as palavras de Maria Betânia Ferreira: “cada página literária vai preenchendo dentro do pequeno leitor/ouvinte uma arca de ideias, paisagens, ardis, singularidades, bondades, encantamentos, sustos, indignações, ternuras – os ingredientes da aventura humana na Terra” (FERREIRA, 2013, p. 9).

Para Bruno Bettelheim (2007), a criança precisa da fantasia, do sonho e da imaginação para organizar os problemas psicológicos do crescimento, pois ela só conseguirá efetivar este processo por meio de devaneios prolongados

proporcionados por narrativas que lhe permitam relacionar os conteúdos das histórias aos seus anseios inconscientes. Para este autor, os contos de fadas são o tipo de literatura mais apropriado às crianças porque, além de divertir, favorecem o desenvolvimento da personalidade. O papel formativo da literatura infantil é corroborado por Nely Novaes Coelho que a vê como o agente ideal para a formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens: “Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite” (COELHO, 2000, p. 15).

Antônio Candido também afirma que, além de atender à necessidade de ficção e fantasia, a literatura desempenha a função de contribuir para a formação da personalidade:

(...) as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CANDIDO, 2002, p.82).

Segundo o autor, a função integradora e transformadora da criação literária ocorre por meio da representação, quer de maneira cognitiva ou sugestiva, da realidade do espírito, da sociedade e da natureza (idem, p. 85). A representação se dá, de forma mais perceptível, por meio do personagem, que “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.” (CANDIDO, 2011, p. 54).

Deste modo, verifica-se que, na literatura infantil, a personagem é peça fundamental no processo de leitura e identificação do leitor, sendo geralmente explorada numa perspectiva de apregoar valores morais e modelos de perfis a serem seguidos ou questionados. Considerando que a literatura infantil deixa transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo, pretende-se verificar como se dá a representação da docência em personagens voltados para as crianças, particularmente as professoras criadas por Ziraldo e Lygia Bojunga.

3 OS FAZEDORES DE SONHOS E SUAS CRIAÇÕES

3.1 ZIRALDO E SUA PROFESSORA “INIMAGINÁVEL”

Ziraldo Alves Pinto, criador da Professora Maluquinha, além de formado em Direito, é escritor, cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, cronista, desenhista e jornalista. Nasceu em Caratinga, interior de Minas Gerais, em 24 de outubro de 1932, sendo o primogênito dentre sete irmãos. O nome Ziraldo, único como ele, surgiu da combinação do nome de sua mãe, Zizinha, com o de seu pai, Geraldo.

Quando menino, possuindo uma inclinação irresistível para o desenho, espalhava suas criações por todos os lugares: calçadas, paredes e sala de aula. Era o prenúncio de uma carreira promissora, que teve início aos seis anos de idade, quando publicou seu primeiro desenho no jornal *A folha de Minas*, onde, anos mais tarde, iniciaria sua carreira profissional. Paralelamente ao desenho, Ziraldo desenvolvia sua segunda paixão, a leitura, lendo de tudo que havia disponível: Monteiro Lobato, Viriato Correa, Clemente Luz (*O Mágico*), e todas as revistas em quadrinhos da época.

Passou seus primeiros anos escolares no Grupo Escolar Princesa Isabel, onde conheceu a professora que lhe ensinou que “ler é mais importante que estudar”, e que figura entre as fontes inspiradoras de *Uma professora muito maluquinha*.

Segundo Ziraldo, a inspiração para o livro surgiu quando algumas professoras lhe pediram que transformasse em livro suas ideias sobre a arte de ler e escrever, bem como sobre as lembranças de uma professora que teria aberto seus olhos para o mundo. Foi assim que surgiu a professora maluquinha, baseada em várias professoras que o autor teve ao longo da vida, sendo que uma delas merece um destaque especial, pois é a que mais se aproxima da personagem. Segundo ele, sua turma daquela época não aprendeu nada de extraordinário em termos conteudísticos: “Com ela aprendemos a ler e a escrever e não sabíamos nada além. Mas nisso éramos melhores que os alunos mais velhos. Quando ela saiu, todos tomamos bomba. Foi só no primeiro ano, depois a gente voou, porque tudo era mais fácil para nós” (ZIRALDO apud KACHANI, 2011, p. 08). O autor complementa que, apesar da “bomba” inicial, todos se saíram muito bem nos anos posteriores por terem adquirido

desenvoltura na escrita e na leitura, de modo que os alunos que tiveram aulas com aquela professora formaram a turma mais brilhante de Caratinga, da qual surgiram, mais tarde, deputados, advogados, escritores.

A obra que narra a história da professora maluquinha foi publicada em 1995 pela Cia. Melhoramentos de São Paulo, tornando-se um dos grandes sucessos de Ziraldo. Foi traduzida para o espanhol e se tornou série de livros em quadrinhos. Além disso, a história inspirou dois filmes. O primeiro, produzido para a televisão e exibido pela TVE Brasil em 1996, tinha Leticia Sabatella no papel da professora maluquinha. O segundo, produzido para o cinema em 2009 e filmado na cidade histórica de São João Del-Rei (MG), estreou em 2011, contando com Paola Oliveira como protagonista.

O livro relata uma história ocorrida em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, na década de 1940, destacando os revolucionários métodos de ensino de uma jovem professora na sua primeira experiência em sala de aula. O autor a descreve por meio de diversas metáforas, qualificando-a de inimaginável.

Com uma narrativa na primeira pessoa do plural, o livro conta as aventuras de um grupo de crianças em suas aulas com a jovem professora iniciante. Ela se vale de estratégias diferenciadas de ensino, privilegia a leitura em detrimento de conteúdos pré-estabelecidos e faz a alegria reinar na sala de aula. Por esses motivos, entra em choque com a direção do colégio e só leciona por um ano, mas torna-se, para seus alunos, uma professora inesquecível. Segundo o autor, o legado da professora maluquinha é que o professor precisa ter criatividade: “Tem que inventar. Quando ela passa o exercício de encontrar um país que não existe, assim os alunos descobrem 500 países”.

3.2 LYGIA BOJUNGA E A PROFESSORA DA MALETA

A escritora Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas (RS), em 26 de agosto de 1932, onde viveu em uma fazenda até os oito anos, quando mudou-se para o Rio de Janeiro. Começou a vida profissional como atriz de teatro e também de rádio, passando depois a escrever para o rádio e a televisão. Mudou-se para o interior do Rio de Janeiro, onde fundou, juntamente com seu marido Peter, a *Toca*, uma escola rural para crianças carentes, a qual dirigiu por cinco

anos. Apaixonada pelos livros desde criança, via-os primeiramente como brinquedos, antes de perceber que o melhor estava no seu interior:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. (BOJUNGA, 2010, p. 8).

De tanto brincar com os livros, olhando para as paredes que construía, começou a descobrir o encantamento da literatura: “o livro agora alimentava minha imaginação”. Para Lygia, a experiência com os livros é um processo de troca: quanto mais se procura, mais ele oferece. Foi essa troca que a impulsionou a escrever para crianças: “eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra - em algum lugar - uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar” (idem, p. 9). Seu primeiro livro, *Os colegas*, foi escrito em 1971 e publicado em 1972. Entre os prêmios que a autora recebeu, destacam-se o Prêmio Hans Christian Andersen (1982), um dos mais relevantes da literatura infantil e juvenil, e o ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) em 2004, o qual, criado pelo governo da Suécia, jamais havia sido outorgado a um autor de literatura infantojuvenil. Em 2002, a escritora funda sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, assumindo a publicação de seus livros. Cria também, em 2004, a Fundação Cultural Lygia Bojunga, que tem como objetivo desenvolver ações que aproximem o livro da população brasileira. Seus primeiros livros foram assinados como Lygia Bojunga Nunes, passando depois a figurar apenas o nome Lygia Bojunga.

Os primeiros livros da autora, entre os quais situa-se *A casa da madrinha*, aproximam-se das fábulas por darem vida a animais, diluindo os limites entre a realidade e a fantasia. Desta forma, personagens antropomorfizados, lado a lado com personagens humanos, vivem conflitos e abordam questões sociais contemporâneas com humor e leveza. Segundo Lajolo e Zilbermann (2007), a escritora tece uma crítica à sociedade brasileira contemporânea, tematizando a miséria, o sofrimento e crise de identidade infantil, por meio de histórias que encantam e levam à reflexão:

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO e ZILBERMANN, 2007, p. 158).

Segundo as autoras, a narrativa de Lygia detém-se nos detalhes do comportamento e do ambiente, de tal modo que se aproxima do fluxo de consciência, resultando em uma narrativa original que rompe com a linearidade e “parece colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo” (idem, p. 158). É o que se verifica no livro *A casa da madrinha*, onde está inserida a história da professora que será analisada neste texto. Trata-se da história vivenciada por Alexandre, menino pobre, morador de uma favela no Rio de Janeiro. O garoto, acompanhado por um pavão, passa por aventuras fantásticas em busca da casa de sua madrinha, a qual, na realidade, foi inventada pelo irmão mais velho durante os períodos em que contava histórias para ajudar o menino a dormir e esquecer a fome.

A professora da maleta surge durante o curto espaço de tempo em que Alexandre frequentou a escola, pois o menino precisou parar de estudar para poder ajudar no sustento da família. É possível dizer que se trata de um encaixe proposital feito pela autora para criticar ou questionar o *status quo* relativo à educação no momento histórico em que foi escrito o livro.

Este é um aspecto comum a outras de suas obras da época pois, na década de 1970, quando no Brasil ainda vigorava a ditadura militar, não havia liberdade de expressão e, por isso, a autora valia-se de seus livros infantis para tratar de temas considerados subversivos, porque, segundo ela, os generais não costumavam ler livros para crianças. Por isso, suas obras são repletas de elementos alegóricos, como um galo de briga com cérebro costurado e um pavão com filtro de pensamento.

É deste modo, com histórias recheadas de agradáveis fantasias, mas fundamentadas na realidade, que a autora debate os problemas sociais resultantes da ideologia dominante. Neste contexto situa-se a história da professora da maleta, que se coloca contra os modelos convencionais e acaba pagando um alto preço por isso.

4 DUAS PROFESSORAS ESPECIAIS OU DOIS SONHOS (IM)POSSÍVEIS

As duas professoras em questão possuem alguns pontos convergentes e outros divergentes. Em comum, principalmente, o interesse em promover o aprendizado dos alunos por meio de estratégias diferenciadas, sem se prender a conteúdos frios e pré-estabelecidos. Elas se destacam entre seus pares, tornando-se pessoas a serem lembradas positivamente por seus alunos.

4.1 A PROFESSORA MALUQUINHA

A professora maluquinha é apresentada na capa do livro como alguém fora do convencional. Seu aspecto jovial e alegre atrai a atenção do leitor: enquanto sorri, mostra a língua e pisca o olho. Traz na cabeça um chapéu preto que lembra Napoleão Bonaparte, tem um lápis enrolado em um dos cachos dos cabelos, que estão soltos ao vento. Veste camiseta listrada sob uma casaca vermelha com mangas largas, dobradas no punho com um contorno branco. Com a mão esquerda segura levemente o chapéu, sendo que a direita, segurando a lista de chamada, está colocada sob a casaca, num gesto que também lembra Napoleão. No interior do livro, as ilustrações são todas em preto e branco, e constroem a imagem de uma figura que lembra um conto de fadas.

A professora maluquinha, na imaginação dos alunos, entrava voando pela sala como um anjo, tinha estrelas no lugar do olhar, voz e jeito de sereia, vento o tempo todo nos cabelos, e seu riso era solto como um passarinho. Para os meninos, era uma artista de cinema; para as meninas, a fada madrinha. Com todos estes atributos, captura naturalmente a atenção e admiração do leitor.

Era uma professora diferente na aparência e nas atitudes. Fora do padrão, deixava os meninos fazerem barulho, não passava deveres para casa, não fazia provas, nem utilizava o livro didático. Por outro lado, ensinava os alunos a lerem poemas, a se interessar pela história universal. Incentivava a leitura de gibis (proibida pelo Padreco, o professor de catecismo), lia em voz alta para a turma e também estimulava-os a ler deste modo.

A professora maluquinha transforma o aprendizado em atividades lúdicas. Escreve frases no quadro, oferecendo prêmios para quem ler primeiro. Valendo-se de diversos gêneros textuais como cartazes, capa de revistas e anúncios, ela elabora diversas brincadeiras que estimulam os alunos à leitura: jogo da rima,

caça palavras, jogo da forca e muitos outros. “Era uma espécie de campeonato, onde, em vez de correr atrás da bola, nós corríamos atrás das palavras.” Se aconteciam problemas, montava-se um júri para tratar dos comportamentos errados. Após algum tempo de defesas orais, estas passaram a ser feitas por escrito, de modo que os alunos exercitavam também esta modalidade da linguagem.

A professora estimulava a leitura também com o exemplo: na Semana do Silêncio, ela abria um romance e lia, enquanto os alunos liam livros, revistas e gibis: “Cada dia, líamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria”. Em certa ocasião, a professora levou os alunos ao cinema para assistir *Cleópatra, a rainha do Nilo*, o que propiciou diversas aulas de história e motivou a turma a querer saber mais.

Os alunos se aventuram também na escrita de poesia, melhorando os versos que o moço do Banco do Brasil mandava para a professora: “Nós tínhamos que sentar no banco do jardim, para, em longos exercícios poéticos, melhorar a qualidade dos seus versos. No final do ano, ele já estava fazendo o maior sucesso com sua amada”.

Além de tudo isso, a professora cria diversos concursos, tendo em vista premiar todos os seus alunos, valorizando, assim, as habilidades individuais. Quando os pais dos alunos reclamam da falta de deveres para casa, ela inventa tarefas criativas que requerem a participação da família: encontrar a maior palavra, a maior número de palavras terminadas em AR e que não sejam verbos etc.

Ao findar o ano letivo, a professora afirmou que seus alunos não precisariam fazer provas, pois todos estavam aptos a passar de ano. Infelizmente, o que eles aprenderam não fazia parte do currículo, e como não aprenderam coisas como os nomes dos afluentes dos rios, ou data de nascimento e morte de Duque de Caxias, todos os alunos foram reprovados, e a professora, demitida. Coloca-se em seu lugar uma mestra tradicional: “uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão”, que retoma o hábito de castigos já no primeiro dia, mandando os alunos escreverem cem vezes uma frase em que prometiam prestar atenção à aula e não se distraírem. A motivação para o castigo foi ter encontrado livros e revistas embaixo das carteiras dos alunos.

O fato é que as atitudes da professora retratada por Ziraldo – incentivar a leitura e a escrita, sorrir, ser amiga dos alunos – angariaram-lhe a alcunha de maluquinha, como se isto fosse loucura, simplesmente por estar fora do convencional. Apesar de tudo, ela tornou-se, para seus alunos, uma professora inesquecível.

4.2 A PROFESSORA DA MALETA

O garoto Alexandre conhece a professora da maleta quando é transferido para uma turma mais adiantada. Com uma participação rápida e contundente na história, esta professora marca indelevelmente a vida do protagonista. Ela chegava todos os dias com sua maleta gorducha, de onde saíam pacotes de todo os tipos, tamanhos e cores: “Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era à toa que a maleta ficava gorda daquele jeito. (BOJUNGA, 2009, p. 42).

A maleta com os pacotes era uma marca característica da professora, que a usava como estratégia para surpreender e motivar os alunos ao aprendizado. Cada pacote tinha um significado: “pacote azul era dia de inventar brincadeira de menino e menina”, o pacote cor-de-rosa indicava o dia de aprender a cozinhar, o pacote vermelho servia para falar sobre viagens e lugares diferentes. Havia pacotes que serviam para introduzir atividades como aprender a cortar unha e cabelo, pregar botão e muitas outras coisas. Havia o pacote de histórias que a professora contava e as crianças adoravam. Havia o pacote branco, que era escondido pela professora para os alunos procurarem. Aquele que o encontrasse, deveria dar aula. A princípio, os alunos achavam chato, mas depois acabaram gostando, pois a professora dizia que, na aula, cada aluno podia contar sua própria vida.

A metodologia desta professora aponta um caminho para a transdisciplinaridade, pois ela conta histórias, viaja, brinca, compartilha experiências, interagindo com a classe por meio dos pacotes multicoloridos e relacionando estas atividades às disciplinas curriculares. Desta forma, ela proporciona uma aprendizagem prática para a vida de seus educandos, fazendo com que os alunos aprendam com prazer e alegria. Contudo, esse tipo de ensino

não corresponde às expectativas da direção escolar e dos pais dos alunos, sendo alvo de questionamentos e reprovações.

Em certa ocasião, durante uma aula de matemática, a professora estava ensinando os alunos a cozinhar. A diretora entrou na sala, viu a confusão dos alunos ao redor da mesa dando palpites na receita. Não gostou, mas saiu da sala sem dizer nada. Em outra situação, Alexandre, tendo sido escolhido para dar aula, estava contando que trabalhava vendendo amendoim na praia. Naquele momento, entraram na sala alguns pais de alunos que estavam visitando a escola e não compreenderam o tipo de atividade proposto.

Pouco tempo após o incidente, a professora aparece um dia na escola sem a maleta. Como havia chovido muito, quase todos os alunos haviam faltado e só Alexandre estava na sala. A professora chega, mas com aparência triste e sem a maleta. Segue-se um diálogo entre Alexandre e a professora, em que ela relata que havia perdido sua maleta, e não era possível recuperá-la ou comprar outra. Alexandre fica desolado, e, mesmo mais tarde, quando é forçado a deixar a escola, não se esquece da professora nem da maleta, pensando sempre em reencontrá-la para devolver à sua dona.

O texto não relata se a professora continuou a dar aulas sem a maleta, cedendo às pressões do sistema escolar, ou se decidiu utilizar estratégias menos contundentes, ou ainda, se resolveu mudar de profissão. A lição que fica, com o “sumiço” da maleta, é a de que as ideias diferentes e inovadoras não eram aceitas naquele momento, de modo que as necessidades e desejos dos alunos ficavam em segundo plano.

5 O SONHO REPRESENTANDO A REALIDADE

A professora maluquinha e a professora da maleta, assim como os alunos de ambas, são figuras fictícias, personagens literários. Embora não sejam de carne e osso, apresentam-se ao leitor como uma possibilidade de existência real, pois são inspirados na realidade, ainda que não correspondam a ela de forma fidedigna.

Este fenômeno, denominado representação, não é um espelho fiel da realidade, mas uma forma de retratá-la, exercendo também a função de projetar modelos de comportamentos desejáveis. Tal fato é verificado na literatura

infantojuvenil, que deixa transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo.

O conceito de representação sempre foi relevante nos estudos literários, mas ultimamente vem sendo visto com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais. Participante de vários contextos – literatura, artes visuais, artes cênicas, bem como política e direito – o termo representação pode ser utilizado de diversas formas e sofrer contaminação de sentidos. Regina Dalcastagné afirma que o mais importante, atualmente, não é o simples fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, “mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 18). Isso porque, segundo a pesquisadora, o ato de representar é muito utilizado na literatura no sentido de falar em nome do outro, ato que pode ser legitimado de modo autoritário, justificado a partir do maior esclarecimento, maior competência ou maior eficácia social por parte de quem fala.

De acordo com as postulações da pesquisadora, os grupos marginalizados (entendidos como todos aqueles que são vistos negativamente pela cultura dominante, seja em virtude de sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou qualquer outro critério) são silenciados ao terem suas vozes cobertas por um discurso que procura falar em nome deles. Não se pode deixar de considerar, contudo, as tensões que se estabelecem entre a pretendida autenticidade da representação e a legitimidade socialmente construída da obra de arte literária.

O desenvolvimento dos estudos da crítica feminista levou à análise de obras produzidas por mulheres e ao contraste entre trabalhos de autoria masculina e feminina. Num primeiro momento, a crítica feminista analisava as personagens literárias femininas e procurava observar por quais motivos elas geralmente assumiam uma posição secundária no texto. Verificou-se que a representação das personagens femininas não passa de uma projeção masculina sobre os modelos considerados como o ideal feminino. Deste modo, tal projeção não consegue escapar de uma outra representação: aquela que os homens consideram como feminino. Para Simone de Beauvoir, “a representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta”.

A pensadora salienta que os homens criaram o mito da feminilidade, que é manipulado de acordo com os interesses masculinos:

(...) a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser (DE BEAUVOIR, 1970, p. 183).

O mito da feminilidade imposto às mulheres ao longo dos séculos pela sociedade patriarcal reflete-se nos padrões estéticos, comportamentais, sociais, políticos e econômicos. Formando a base do saber construído culturalmente, tais padrões transitam por uma série de representações criadas na esfera pública para delimitar o espaço de circulação feminina na sociedade. Em consequência, na essência da representação feminina criada pelos homens dentro da tradição cultural do ocidente, as mulheres são vistas como seres frágeis, delicados, dependentes e incapazes de assumir responsabilidades públicas. De acordo com Cíntia Schwantes,

a representação consiste em despir um objeto do que lhe é acessório e conservar o que é essencial, de modo que ele possa corresponder a todos os objetos daquele tipo. A questão que eu levanto é que toda a representação passa por uma subjetividade: alguém que determina o que é essencial e deve ser preservado e o que é acessório e pode ser descartado. Em uma sociedade em que a experiência masculina é valorizada e a experiência feminina é trivializada, o traço essencial a qualquer representação vai se prender à experiência masculina (SCHWANTES, 2006, p.11).

Schwantes afirma que a representação literária obedece a um duplo conjunto de regras, que envolvem aquilo que pode ser representado numa determinada sociedade e o fazer literário propriamente dito. A criação literária narrativa requer a existência de personagens, tanto homens como mulheres, construções feitas com base nos conceitos vigentes de masculinidade e feminilidade – o que implica verossimilhança.

Os ideais de feminilidade professados pelas sociedades ocidentais, quer sejam de Primeiro ou de Terceiro Mundos, baseiam-se no princípio de que as relações de família, notadamente casamento e maternidade, são a fonte da realização de uma psique feminina normal - daí decorrendo as diferentes formas de exclusão da mulher do mercado de trabalho e, mesmo quando a absorção ocorre, a atribuição do trabalho doméstico quase que exclusivamente à mulher (SCHWANTES, 2006, p. 9).

A pesquisadora afirma que as representações do feminino vêm sofrendo alterações com o passar do tempo, à medida que mudaram as possibilidades sociais abertas à mulher. O aumento do público leitor feminino, o acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior são fatores que ocasionaram mudanças nas convenções que regem a representação feminina. Entretanto, apesar das modificações, tais convenções continuam sendo regidas por valores masculinos:

Em uma cultura centrada em valores masculinos, as personagens femininas estão encerradas nos “textos da feminilidade”, nos quais elas seguem destinos à sombra dos personagens masculinos, cumprindo as expectativas deles em relação a elas (SCHWANTES, 2006, p. 8).

Para Lúcia Osana Zolin (2010), a representação tanto pode dar visibilidade ao outro, como falar em nome dele, sendo que, aquele que fala investe-se de um poder que lhe é conferido pelo lugar que ocupa na sociedade, legitimado por fatores como raça, classe e gênero, que o definem como referência do discurso proferido. Verifica-se, portanto, que a representação feminina feita por uma mulher poderá divergir daquela feita por homens. Zolin (1999) defende a ideia de que há divergência entre os pontos de vista masculinos ou femininos mesmo quando se trata de um autor que argumente em favor da emancipação feminina. Zolin afirma que, embora ambos os discursos possam ser considerados contra-ideológicos por discutirem os códigos cristalizados pela ideologia patriarcal em relação aos papéis atribuídos à mulher, haverá diferenças entre as construções masculinas e femininas.

Com base nestes pressupostos, pretende-se abordar a representação da personagem docente elaborada por Ziraldo e Lygia Bojunga, no intuito de verificar quais convergências e divergências podem ser apontadas.

Nessa perspectiva, percebe-se que, quanto aos métodos de ensino, as duas personagens são convergentes: ambas são inovadoras, criativas, priorizam o aprendizado do aluno. Procuram formas diferenciadas de abordagem, podendo-se dizer que trabalhavam gêneros textuais e interdisciplinaridade, embora estes conceitos não fossem popularizados na época das narrativas. As duas revelam-se dedicadas na preparação de suas aulas. Maluquinha reunia cartazes e diversos outros materiais para elaboração das atividades, além da criação de competições e concursos, o que demandava elaboração prévia. Por

seu turno, a professora da maleta, ao retirar um pacote no início da aula, surpreendia apenas os alunos, pois ela já tinha tudo pronto, como no dia em que, ao tirar um pacote de determinada cor, os alunos deveriam aprender a cozinhar. A professora tinha fogão e botijão de gás a postos, e tudo isso para uma aula de matemática.

Outro aspecto em comum é o fato de que elas não são nomeadas: são apenas a professora maluquinha e a professora da maleta. Provavelmente, trata-se de um recurso de generalização, de modo que uma figura venha a representar toda uma categoria, conforme a colocação de Schwantes, citada anteriormente. Neste caso, o acessório, e, portanto, dispensável, seria o nome. O essencial fica por conta imagem projetada como ideal a ser imitado ou almejado.

A divergência na representação das duas personagens reside na construção da imagem feminina. A professora maluquinha é descrita como uma figura ao mesmo tempo maternal e sensual, com destaque para o vento nos cabelos e estrelas no olhar. O autor faz questão de esclarecer que este aspecto sensual estava na imaginação dos alunos, mas o reforça nas ilustrações, retratando a professora como uma sereia, uma espécie de super-heroína, além de jovial, elegante, bem-vestida e desejada pelos rapazes da cidade.

A representação de Maluquinha é reforçada pelo contraste com a imagem da diretora e das outras professoras. A professora é jovem, linda, amável e doce. A diretora aparece carrancuda, mal-humorada, reforçando a ideia da diretora rabugenta, fiscal, enquanto as outras professoras são velhas e vestidas com roupas sisudas.

Percebe-se que Ziraldo atendeu ao estereótipo da essência feminina, elaborando sua Maluquinha com um misto de santo e profano. Se, por um lado, ela surge em cena esbanjando charme e sensualidade, a ponto de despertar paixão coletiva (“todas as meninas quiseram ser lindas, e todos os meninos quiseram crescer imediatamente para poder casar com ela”), por outro, é acolhedora e maternal, abolindo castigos e ouvindo as lamentações das meninas que “choravam no colo dela”.

A dualidade da representação se confirma nas aulas de reforço, que ela oferece quase de graça, só para ficar perto de seus alunos, depois de ter sido demitida da escola. A dedicação é quebrada pelas pausas que faz para paquerar o boêmio, que surgia no alto do muro, e “ouvir suas histórias da noite”,

disfarçando quando a mãe aparece à porta para censurá-la. Ao final da narrativa, mais uma vez, vai contra os valores estabelecidos ao fugir com o namorado, deixando apenas uma mensagem cifrada para seus alunos.

Enquanto Ziraldo foi prolixo na descrição da professora maluquinha, Bojunga foi extremamente econômica quanto à caracterização da professora da maleta. Não há descrição física, nem ilustrações. A docente é retratada apenas como jovem e gorducha. Além disso, sabe-se somente que era alegre e sorridente. Há mais detalhes sobre a aparência da maleta do que sobre a professora, havendo, inclusive, uma ilustração da maleta. A expressão “gorducha” parece não assumir conotação negativa, tendo em vista sua associação com a aparência da maleta, como que formando um conjunto, um todo que era agradável aos alunos.

A Professora era gorducha; a maleta também. A Professora era jovem; a maleta era velha, meio estragada, e de um lado tinha o desenho de um garoto e uma garota de mão dada, vestindo igual. Cabelo igual, risada igual. A Professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na aula e já ia contando uma coisa engraçada. (BOJUNGA, 2002, p. 42).

A autora não tece detalhes sobre a aparência física da professora, preferindo deter-se nas suas atitudes. A descrição da maleta como velha e meio estragada permite inferir que aquela professora, apesar de jovem, tinha considerável experiência no seu trabalho. A concentração na maleta como ferramenta de trabalho é altamente simbólica, demonstrando o profissionalismo da docente que procurava inovar metodologicamente.

É exatamente neste ponto que se intensifica a diferença entre a representação de Ziraldo, alicerçada em um ponto de vista masculino, e a de Bojunga, elaborada sob a ótica feminina. A professora representada por Ziraldo como que encanta seus alunos pela aparência física, e depois acaba abandonando-os para fugir com o namorado, voltando, deste modo, ao “destino de mulher” como diria Simone de Beauvoir. Por outro lado, Bojunga concentra sua representação no perfil profissional da docente, numa clara demonstração de que aparência física ou sedução não são necessárias para o exercício do trabalho.

Deste modo, considerando que “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são

produzidos” (WOODWARD 2003, p.17), percebe-se que Ziraldo e Bojunga se valem de sistemas simbólicos diferentes para construir suas personagens, ficando clara a diferença entre suas convicções, que deixam entrever uma postura masculina e outra feminina de representação da docência, cada uma com suas peculiaridades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto procurou-se demonstrar que a literatura exerce influência significativa na formação da personalidade do leitor, particularmente por meio das personagens que, levando-o a identificar-se com elas ou a rejeitá-las, podem ser veículo para propagação de valores morais e tornar-se modelos a serem imitados ou questionados.

Levando em conta que a literatura infantil apresenta uma cosmovisão adulta que deve ser assimilada pela criança, procedeu-se à análise das professoras criadas por Ziraldo e Lygia Bojunga, no intuito de verificar se haveria diferenças entre as representações docentes elaboradas por um autor e por uma autora.

Tendo sido observadas diferenças significativas na construção das personagens Professora Maluquinha e Professora da maleta, pode-se afirmar que elas foram construídas com base em valores simbólicos diferentes, o que permite concluir que, neste caso, as visões masculina e feminina resultaram em representações diferentes.

Vale ressaltar, contudo, que o que mais se destaca para o pequeno leitor é o aspecto relacionado à metodologia de ensino de ambas as professoras, as quais, com estratégias lúdicas, criativas e inovadoras, empenham-se em fazer do aprendizado uma caminhada alegre e cheia de descobertas. Deste modo, elas se tornam exemplos a admirar e a seguir, tanto pelos meninos como pelas meninas.

Assim, estas construções docentes se relacionam com as professoras reais, num movimento dialógico em que não existem imagens falsas ou verdadeiras, mas aproximações entre a realidade e a ficção, sendo que uma interfere na outra. Convém lembrar, também, que a posição destas personagens, apesar de se configurarem como contradiscursos pelo fato de se

posicionarem contra a ideologia escolar do período retratado no texto, atualmente foram apropriadas pelo discurso oficial, tornando-se modelos também para adultos educadores, de tal modo que estas obras, entre outras semelhantes, passaram a circular no meio escolar, veiculando estas representações como o perfil almejado pela instituição educacional.

**TWO VERY CRAZY TEACHERS:
THE REPRESENTATION OF TEACHING IN ZIRALDO AND LYGIA BOJUNGA**

Literature feeds on reality to develop characters and plots, and can also design models of behavior and ideas from the representation of social roles conveyed by the characters. Among these roles is present the figure of the woman teacher, conveying images and representations that circulate or could circulate in society, helping to create what could be seen as an ideal teacher. Thus, this article aims to discuss the teacher's representation in two works of children's literature, namely: *A very crazy teacher*, by Ziraldo Alves Pinto, and *The house of godmother*, by Lygia Bojunga. The interest is to see the different forms of representation made by the authors, based on the assumptions of feminist criticism, from researchers as Schwantes, Zolin and Dalcastagnè. The choice of works is due primarily to the fact that the characters analyzed teach for the first segment of elementary school, which makes it be possible to establish a parallel between their ways of working. Second, because they are constructions by male and female authorship, allowing to see if there are differences in teacher's representation made from the vision of a man and a woman. To achieve the intent, it will be first approached the issue of children's literature as personality training component. Following are biographical aspects of the authors, description of works and characters to be analyzed, conceptions of representation and, finally, the analysis of representation carried out by teaching characters of the two works. The conclusion points to differences in the construction of the two characters, demonstrating that male and female worldviews result in different representations.

Keywords: Children's literature. Feminist criticism. Teacher's representation.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22 ed. Paz e Terra, 2007.
- BOJUNGA, Lygia. **A casa da madrinha**. Ilustrações de Regina Yolanda. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- BOJUNGA, Lygia. Livro, a troca. In: **Livro: um encontro**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010. p.8-9.
- CAMPOS, Maria de Fátima. Literatura Infantil: um caminho para o prazer de ler. In: **A prática e o saber docente**. Teresina, PI: SEMEC/Halley, 2008.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª edição, São Paulo, Duas Cidades, 1995. Canoas, RS: Ed.ULBRA, 2006.
- COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea** (Brasília), v. 26, p. 13-71, 2005.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: Eduel, 2013.
- FERREIRA, Maria Betânia. Literatura desde o berço. In: **Para que serve a literatura?** 2ª ed. São Paulo: Instituto Ecofuturo, 2013.
- KACHANI, Morris. Entrevista com Ziraldo. **Jornal A folha de São Paulo**. 09/10/ 2011.
http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_w7_JDGa86QJ:www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0910201108.htm+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso: 20/07/2015.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMANN, Regina **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma professora muito maluquinha**. Ilustrações do autor. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

SANTANA, Eliana e PENNA, João Carlos Firpe. Ziraldo: um artista completo e singular, para todas as idades. **Revista do Minas** nº. 115, ano X, abril de 2015.

SCHWANTES, Cíntia. Espelhos de Vênus: questões da representação do feminino. In: BRANDÃO, Isabel e MUZART, Zahidé Lupinacci. **Refazendo nós**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. A construção do feminino nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas: Miguel Torga e Nélida Piñon. **Acta Scientiarum**, v. 21, nº 1, p. 27-35. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1999.